

— ESCRITORES GAUCHOS —  
SÉRIE DIGITAL



LYGIA BOJUNGA

*Governador do Estado do Rio Grande do Sul*

Eduardo Leite

*Secretária de Estado da Cultura*

Beatriz Araujo

*Diretora do Instituto Estadual do Livro*

Patrícia Langlois

*Conselho Editorial do IEL*

Alcy Cheuiche

Carlos Alexandre Baumgarten

Claudio Levitan

Léa Masina

Luís Dill

Marcia Ivana de Lima e Silva

Marco Cena

Maria Eunice Moreira

Patrícia Langlois - Presidente do Conselho

Paulo Flávio Ledur

Ricardo Silvestrin

Ruben Castiglioni

Sérgius Gonzaga

Vera Teixeira Aguiar

Instituto Estadual do Livro

Rua André Puente, 318 – Porto Alegre (RS) – CEP 90035-150

Fone: (51) 33146450

*ielrs.blogspot.com, cultura.rs.gov/iel*

**ESCRITORES GAÚCHOS**  
**SÉRIE DIGITAL**  
**LYGIA BOJUNGA**

*Organização: Instituto Estadual do Livro*



**Porto Alegre, 2020**

Edição:

*Estevão Cogoy*

Editoração e capa:

*Aline Reis e Sérgio Oliveira de Campos*

Foto da capa:

*Acervo pessoal da escritora*

Fotos do texto:

*Acervo pessoal da escritora*

ISBN 978-85-7063-394-1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

---

E74

Escritores gaúchos - série digital: Lygia Bojunga. [livro eletrônico]. / Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2019. 36 p.

(Coleção Escritores Gaúchos)

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader ou outro leitor de pdf.

Modo de Acesso: <<http://www.iel.rs.gov.br>>

1. Bojunga, Lygia: biografia. 2. Literatura sul-rio-grandense. I.Título.

CDU: 929 (BOJUNGA)

---

## SUMÁRIO

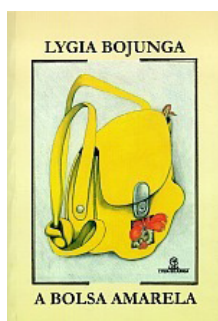
<b>LISTA DE OBRAS.....</b>	<b>06</b>
<b>RELATOS.....</b>	<b>08</b>
<b>Pra você que lê Lygia Bojunga.....</b>	<b>09</b>
Marcela Fernandez, Pepita Sampaio e Rachel Facó	
<b>Lygia Bojunga: Um Bordado Literário.....</b>	<b>12</b>
Ninfa Parreiras	
<b>Para além dos limites do infantil.....</b>	<b>17</b>
Vera Maria Tietzmann Silva	
<b>Lendo Lygia.....</b>	<b>22</b>
Tatiana Kauss	
<b>Pode entrar, a casa é sua.....</b>	<b>25</b>
Cristiane Granville, Lucília Soares e Miriam Ribeiro	
<b>ENTREVISTA.....</b>	<b>28</b>
<b>TRECHOS DA OBRA.....</b>	<b>31</b>

# LYGIA BOJUNGA

(n. Pelotas, 26 de agosto de 1932)



## LISTA DE OBRAS



1972 - Os colegas

1975 - Angélica

1976 - A bolsa amarela

1978 - A casa da madrinha

1979 - Corda bamba

1980 - O sofá estampado

1984 - Tchau

1987 - O meu amigo pintor

1987 - Nós três

1988 - Livro, um encontro

1991 - Fazendo Ana Paz

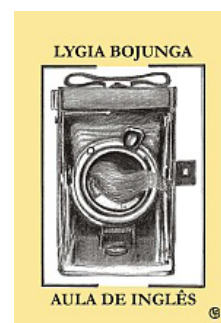
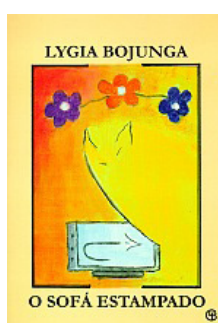
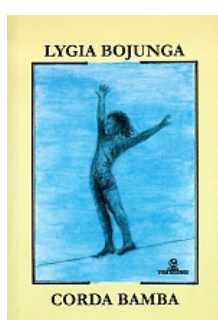
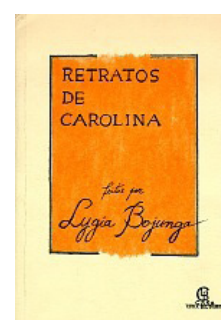
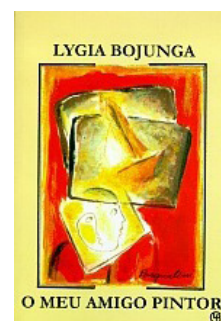
1992 - Paisagem

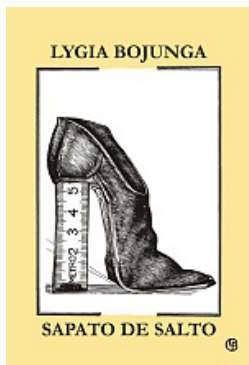
1995 - 6 vezes Lucas

1995 - O abraço

1996 - Feito à mão

1999 - A cama





- 1999 - **O Rio e eu**
- 2002 - **Retratos de Carolina**
- 2006 - **Aula de inglês**
- 2006 - **Sapato de salto**
- 2007 - **Dos vinte 1**
- 2009 - **Querida**
- 2015 - **Recordando Genô**
- 2016 - **Intramuros**





---

RELATOS

---

# PRA VOCÊ QUE LÊ LYGIA BOJUNGA

*Marcela Fernandez, Pepita Sampaio e Rachel Facó\**

Basta abrir uma página de qualquer um de seus livros para descobrir uma unidade que vai muito além das capas amarelas e da edição caprichada. Sua linguagem coloquial e simples, ricamente metafórica, consegue dar voz aos seus personagens, fazê-los palpáveis e verossímeis. Tão reais que encontram no leitor uma cumplicidade e afetividade únicas. É quase impossível não ver algo que nos remeta à memória, à lembrança, à infância. Algo que emocione. Seus livros não escolhem idade, nem público, nem direcionam o caminho. Sua escrita é livre

O que retirar primeiro da prateleira? A história de um grupo de *Colegas*, unidos pelo acaso e pela amizade? Talvez a de uma menina, Maria como tantas, que anda sobre uma *Corda Bamba* equilibrando os dias. Ou quem sabe a de uma *Cama*, que passa de casa em casa e, em cada uma, levanta uma poeira. Se você tiver segredos, como a Raquel, pode querer andar a tiracolo com uma *Bolsa Amarela*. Se é um leitor voraz e aprendiz de escritor, será atraído pela trilogia: *Livro – um encontro*, *Fazendo Ana Paz* e *Paisagem*. Em algum momento, você vai conhecer um pavão que, contra a vontade, pensa pingado, porque há quem goste de costurar pensamento. Não vai demorar para entender o “segredo azul fraquinho” da Sabrina, de *Sapato de Salto*. Quem sabe, você poderá rememorar a arte de falar com os botões, da obra *Feito à mão*. Ou, talvez, em *Intramuros*, última criação de Lygia, se sinta afetado pela escrita literária permeada de “tortuosos/enrolados” caminhos, atravessada por nuvens, figuras humanas, e nelas, vidas como a de Nicolina, que nos vira pelo avesso. A escolha é como a escrita da autora, livre.

Difícil é não se sentir tocado ao ler Lygia Bojunga, em qualquer tempo, com qualquer idade. Seus livros são feito gente. Seus temas são universais e estão por aí: nas esquinas das cidades, por dentro das pessoas, nas salas de aula, dentro das casas. De todas as casas. Das que sobem o morro e das que beiram a praia. Das que enfeitam

---

\*São estudiosas da obra de Lygia Bojunga. Marcela e Pepita fazem parte do grupo *Encontros Literários*, que acontece na Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga desde 2010. 9

o interior às que se encontram em outros continentes. Das que batemos à porta pela força da imaginação ou que são tão reais que podemos visitá-las. Há aquelas que são nossas vizinhas e outras que nos parecem estranhas. No entanto, todas se abrem à medida que avançamos na sua prosa.

Ao entrar em sua morada, casa editorial e fundação, em Santa Teresa, encontramos seus *moradores*, como ela mesma gosta de chamá-los. Eles têm vida e personalidade próprias e talvez por isso sejam tão verdadeiros. Não nos parecem feitos de tinta, muito menos estão circunscritos às folhas dos livros. Há neles uma parte dela. Há nela, uma parte deles. Todos têm em comum a alma e o carinho de Lygia, outros misturam-se a sua própria história. Como em *Retratos de Carolina*, que inaugurou sua Casa Editorial, em 2002.

Suas histórias envolvem o leitor e o cativam porque criam ficção a partir da realidade. O dia a dia com todas as suas melhores ou piores possibilidades é desnudado. Suas palavras traduzem o sentimento de forma simples, como se beleza, esperança, inocência e tantos outros sentimentos coubessem nelas. Assim, temas complexos como abandono, pobreza, perda, suicídio, abuso sexual, morte e muitos outros, que poderiam pesar as palavras e o papel, são feitos de algodão em suas mãos. E nós, leitores, somos cativados, tecemos sentidos e voltamos à realidade com a sensibilidade que nos torna mais humanos.

É assim que Lygia escreve, movida, inspirada, quase pressionada pelos personagens que aparecem e se instalam em um canto qualquer de sua casa, à espera de fôlego e vida. E eles chegam, de mansinho ou de uma vez, através das palavras que ela deita em seus cadernos, com a ponta do lápis carregada de sentimento. Em tempos de bits e bytes, ela escreve à mão, com o traço firme do grafite registrado em cadernos. Não é à toa que ela criou uma Casa Editorial e não uma Editora, que prefere mambembadas, onde coloca em cena seus três eus – a atriz, a escritora e a artesã – às tradicionais propagandas, que opta pela reserva da sua presença pública, ao mesmo tempo que se aproxima do leitor, como poucos autores, em seus livros. A arte de Lygia é pespontada e corporificada nos espaços de criação por onde transita indo ao encontro de cada leitor.

É o lado artesão que fala mais alto e borda a cena dos dias. Dele, nasceu o livro *Feito à mão*, da vontade de lavrar as palavras, passar pela confecção dos papéis, pela encadernação até à entrega, em mãos, dos seus 120 exemplares em uma *mambembada*. Embora relutante, em 1999, três anos depois da publicação artesanal, Lygia fez uma edição comercial do *Feito à mão*. E para dar vida à textura e às tessituras da versão original, criou a “obra” dentro da obra: o *Pra você que me lê*, uma carta dirigida aos seus leitores, um recanto intimista de acolhimento. Com a mesma linguagem coloquial de todos os seus textos, a autora estabelece uma ponte, uma conexão além do livro. A verossimilhança de sua narrativa ganha um novo espaço de expressão.

Nessas cartas, encontradas em 15 dos seus 22 livros, Lygia bate um papo com o leitor sobre o caminho que cada obra percorreu até voltar para sua casa-editora-fundação. É nesse espaço que a escritora nos encanta quando fala de si, de suas criações e do caminho percorrido por ambas com tanta intimidade e naturalidade, como se cultivasse com cada um uma amizade de muito tempo. Tempo próprio da arte compartilhada.

Esse jeito de cismar em fazer diferente, em nadar contracorrente do mercado, em experimentar a arte feita com as mãos e o sentimento, em conceder tempo aos livros pra caírem quando maduros e, vez ou outra, dar voz a sua obra em *mambembadas* é por si só uma história, escrita pelos dias da autora, bonita de se ler nas entrelinhas. Ao ler seus livros, suspeitamos folhear um pedaço dela. Há uma coerência rara entre escrita e vida. Há também coragem em dar forma ao pensamento e às neblinas que envolvem os sentimentos, as cidades e os homens. Como leitores, somos contagiados por sua arte. Voltamos para o real vivificados, conjugando força e leveza.

Indissociáveis: Lygia, a editora, a fundação, Santa Teresa e o novo nicho pra Santa, as cartas *Pra você que me lê*, o sítio Boa Liga, todos os seus personagens e livros, todos os inúmeros e merecidos prêmios. Tudo isso junto e misturado é o que lemos. Basta abrir uma página e entrar. A casa é sua.

# LYGIA BOJUNGA: UM BORDADO LITERÁRIO

*Ninfa Parreiras\**

## **Abrem-se as Portas**

A relação entre a literatura e os espaços costuma ser notada nas ficções literárias (em obras de Jorge Amado, Guimarães Rosa, por exemplo); em poemas (de Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana). Em vida, raros autores organizaram um museu dedicado à sua obra. Conhecemos exemplos nas artes plásticas, de alguns que abrem as portas de sua casa-ateliê.

Na literatura, os exemplos escasseiam. São raros os que abrem as portas de sua morada, de seu ofício. Lygia Bojunga é uma exceção: criou um espaço para o público leitor. Um museu vivo, podemos dizer.

Sua obra é repleta de aspectos que valorizam a fala coloquial, as antigas moradas, o lado velho da cidade, as favelas. Muitos dos espaços presentes nas histórias estão em Um Novo Nicho pra Santa (em Santa Teresa, Rio de Janeiro, morada, trabalho, editora e Fundação Cultural).

## **Livro a Livro**

Poucos autores da literatura brasileira ficaram conhecidos internacionalmente, com traduções para dezenas de países. Lygia Bojunga é detentora de dois prêmios internacionais, pelo conjunto da obra (Hans Christian Andersen – HCA do International Board on Books for Young People – IBBY, 1982; e Astrid Lindgren Memorial Award - ALMA, 2004), todos os seus livros são premiados no nosso país (24 livros em 45 anos de carreira). Narrativas em prosa, algumas com aproximação ao teatro, com diálogos vivos.

---

*\*Escritora e psicanalista, trabalha para a Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga desde 2010, coordena o grupo de estudos e pesquisa Encontros literários e as visitas guiadas a Um Novo Nicho pra Santa.*

Algumas são novelas (***Os colegas, Angélica, A bolsa amarela, A casa da madrinha, Corda bamba, O sofá estampado, O meu amigo pintor, Nós três***); outras romances (***Fazendo Ana Paz, Paisagem, Seis vezes Lucas, O abraço, A cama, Retratos de Carolina, Aula de Inglês, Sapato de Salto, Querida***); contos (***Tchau***) e autobiográficas (***Livro: um encontro com Lygia Bojunga; Feito à mão; O Rio e eu; Recordando Genô; Intramuros***). ***Dos vinte 1*** reúne capítulos/partes de cada uma delas.

As obras literárias não são produções datadas nem classificadas por faixas etárias. No caso da literatura para a infância, isso costuma acontecer por conta da adoção dos livros nas escolas. Lygia ficou conhecida por sua produção voltada às crianças, pelos prêmios internacionais, o valor da sua literatura está além de faixas etárias.

Os recursos que fazem um texto literário estão presentes na sua criação: o uso da verossimilhança, da metalinguagem, da intertextualidade, das figuras de linguagem, do jogo de palavras. Cada livro é uma metáfora em si: da infância, da miséria social, da vida urbana, da paixão, dos deslocamentos.

### **O Fazer à Mão**

Lygia experimentou a edição e a produção artesanal de livros. Em 1996, publicou ***Feito à mão***. Com folhas de papel reciclado, instalou uma oficina em sua residência. Mais de 100 exemplares foram produzidos. Cada um é numerado manualmente, na última folha do livro. Nas edições atuais (impressas em gráficas), essa prática continua a ser feita, com um carimbo de números. Um exemplar é único. Isso confere uma personalidade a cada livro.

Em 2002, publica o primeiro livro da editora: ***Retratos de Carolina***, que administra com a Fundação Cultural que desenvolve projetos ligados ao livro. São criações, trabalhos e projetos interligados: os livros, as personagens, a Casa editora, a Fundação, a Boa Liga (espaço na Serra de Petrópolis dedicado ao desenvolvimento de alguns projetos ambientais, artísticos e

sociais), o Paiol de histórias (projeto desenvolvido com crianças e adolescentes de Pedro do Rio), Um Novo Nicho pra Santa.

Suas 23 obras estão publicadas com o mesmo formato, a mesma cor de capa e poucas ou nenhuma ilustrações. A cor não separa um livro por faixa etária, mas unifica a obra literária. Uma questão trabalhada na década de 70 é retomada na atual década, numa cadeia de elementos que são reeditados ou recriados. É uma espécie de coerência nas abordagens sociais, antropológicas, psicanalíticas. Alguns temas são recorrentes e se apresentam de formas diferentes, como a cisão social (morro e asfalto), o abandono das pessoas (a miséria), as paixões, as criações artísticas (o teatro, a literatura, a música, as artes plásticas). **Recordando Genô**, obra artesanal de 2015, foi feita em formato especial, com circulação restrita. Capa e miolo feitos com papel reciclado produzido na Boa Liga.

Há “uma costura”, “um redondo”, nas palavras da autora. Um livro é independente, mas está ligado a outro por aspectos comuns (valores universais e sociais); uma personagem é singular e povoa o mesmo território de criações.

## **Uma Unidade**

Podemos dividir a obra da autora em blocos para facilitar um estudo: os títulos até a década de 80; os de caráter metalinguístico; os autobiográficos etc. São muitos os caminhos de divisão (uma literatura infantil, outra juvenil, outra adulta). Sua obra traz uma unidade, um entrelaçamento de subjetividades, tanto na abordagem dos temas e conteúdos, quanto na linguagem (prosa coloquial) e na edição unificada de um projeto gráfico único.

## **Escuta das Histórias**

Lygia costuma criar personagens que reproduzem a fala das ruas, dos morros, com uma música própria e encantadora. No início da sua carreira, houve reações de editores e educadores à adoção da linguagem das personagens. As revisões recaíam sobre o uso gramatical.

Aqueles que gostam ou querem escrever encontram em sua obra um canal aberto para o diálogo. Ao conversar com o leitor, ela revela seu processo de criação, conflitos na criação de personagens, as dificuldades com a história.

## **Espaços X Palavras**

Em 2010, abriu a Fundação Cultural em Santa Teresa. Nas três casas (a morada, a editora e a Fundação), percebemos a costura dos cenários que recria e inventa. Por fora, três diferentes, por dentro, um projeto de Casa. Ela derrubou paredes, criou escadas, abriu portas, pintou corredores, lixou janelas. As casas mantiveram a estrutura antiga, ganharam uma decoração ao gosto da artesã. Com móveis herdados, peças adquiridas, criou um espaço original.

Em uma das casas, está uma homenagem a artistas de Santa Teresa: Manuel Bandeira, Rubem Grilo, Djanira, Flavio Shiro... E escritores que moraram no bairro. Há quadros, gravuras, pinturas e livros sobre as mesas.

Há um espaço dedicado aos artesãos, como Getúlio, que transforma objetos de plástico, papel, madeira, em novas criações (rolhas, tampas, caixinhas, botões, disquetes...). Outras artesãs são homenageadas, como a bordadeira Maria Izabel Cetto e a tecelã Maria Teresa Nascimento Brito.

Uma ampla sala traz a obra reunida, as primeiras edições. Há as edições dos livros publicados em outras línguas, em dezenas de países. Uma sala de reuniões tem, na parede, um cofre antigo de guardar valores. Lygia guardou seus livros preferidos. Um relógio nos transporta a outro tempo, jogo de xadrez e livros sobre meio ambiente, como os de Sebastião Salgado.

Há as teses, as dissertações de mestrado e as monografias, bem como livros de ensaios sobre sua obra. Outro espaço com troféus, prêmios, medalhas, diplomas recebidos no Brasil e no exterior. Há fotos, cartazes, painéis, diplomas, placas, recortes de

jornais. Todos seus livros são premiados individualmente ou pelo conjunto. Prêmios da literatura e também do teatro, a exemplo do Molière. Em uma sala, estão os sete projetos da Fundação. Há fotos e textos informativos sobre os projetos desenvolvidos em Santa Teresa, no RJ, e na Boa Liga, Pedro do Rio, RJ.

A associação entre obra literária e os espaços chama a atenção. Uma costura entre as três casas e as personagens mostra uma coerência: a valorização de espaços culturais (em **Sapato de salto**, há um casarão a ser derrubado e alguns moradores se movimentam para que isso não aconteça); a manutenção da história (em **Retratos de Carolina**, com a manutenção de um móvel herdado do pai); o fazer à mão (na obra **Feito à mão**, feita literalmente, à mão, na sua primeira edição, e **Recordando Genô**); a importância do livro; a herança de móveis de família (**A cama**). E o tratamento dado às personagens como moradoras da Casa. A autora criou Um Novo Nicho pra Santa como gratidão ao Rio. A ligação entre as casas foi feita e supervisionada por Lygia: a concepção e a decoração.

### **Um Percurso**

Visitar Um Novo Nicho permite uma leitura da relação da autora com as personagens, suas histórias de infância (bordados, costuras, botões, móveis, livros). Móveis e objetos presentes nas narrativas e nas casas.

Não é fácil compreender a opção da autora/editora por publicar seus livros em um mesmo formato, cor, valor. Do ponto de vista comercial, seria melhor dividi-los em coleções. Entendemos o projeto literário de Lygia como uma opção pela sustentabilidade: a manutenção de um passado, a não derrubada de uma casa, a memória da nação. Ela mostra a importância da preservação do passado cultural ao ocupar as casas antigas e transformá-las.

O trabalho legado por Lygia é um bordado literário, com replantio de matas, de transformação de recicláveis em livros artesanais. Um compromisso com as questões ambientais e sociais, livre de pieguices, de moralismos. Uma postura autêntica e comprometida com a fala do passado e com a história do país.

# PARA ALÉM DOS LIMITES DO INFANTIL<sup>1</sup>

*Vera Maria Tietzmann Silva\**

No percurso que vai de 1972, ano da estreia de Lygia Bojunga, até suas obras mais recentes, sua ficção foi mudando de fisionomia. De início ensolarada, otimista, transitando livremente da realidade à fantasia, com os animais de *Os colegas* (1972) e *Angélica* (1975), ou com a convivência de humanos e de animais, em *A bolsa amarela* (1976) e *A casa da madrinha* (1978), a autora foi aos poucos desenhando sombras e inquietações e substituindo as animizações de animais e objetos, tão próprias do mundo infantil, por personagens humanos, que vivem as angústias do mundo adolescente ou adulto.

Em Lygia, a passagem da infância para a puberdade se faz pela via do simbólico, confirmando Bettelheim, que garante ser mais fácil para a criança lidar com os símbolos do que com a realidade em si (BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980). O recurso à linguagem simbólica proporciona leveza ao desfecho de *A bolsa amarela* e *A casa da madrinha* – na praia, Raquel despede-se de suas vontades, balões soltos ao vento; Alexandre segue pela estrada afora, tendo no bolso a chave da casa como penhor de sua emancipação. Mas, na transição dos anos 70 aos 80, Lygia também registra o enfrentamento do lado sombrio do ser humano, e as mesquinhas e paixões desenfreadas compõem de modo mais visível nas suas tramas. O que primeiro se insinuava em doses homeopáticas, depois se apresenta de forma avassaladora.

*Corda bamba* (1979) e *O sofá estampado* (1980) aprofundam questões dolorosas, relacionadas à identidade e ao luto, que já haviam sido tocadas nos livros anteriores, ainda que discretamente e à margem do foco principal. A claridade solar das primeiras narrativas,

---

\* *Estudiosa da obra de Lygia Bojunga e professora da Universidade Federal de Goiás, UFG. Possui alguns trabalhos publicados sobre a obra de Lygia*

<sup>1</sup> *Texto extraído, com cortes e atualizações, de: SILVA, Vera Maria Tietzmann. Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura. Goiânia: Cânone Editorial, 2007.*

com seus finais felizes, devagar se obscurece, e a própria autora reconheceu isso, em entrevista a Laura Sandroni, aludindo a *Tchau, O meu amigo pintor e Nós três*. “Influência do clima londrino”, ela aventou como justificativa, mas a produção posterior a 1987 provou tratar-se de uma trajetória irreversível em sua ficção.

Seguindo a premissa de Lobato de que não existe uma fronteira separando “assuntos de criança” de “assuntos de adultos”, Lygia, mesmo nos seus livros mais solares, introduz temas considerados não infantis, como a luta pela sobrevivência de meninos pobres, ora disfarçados sob a alegoria de cães vadios e animais fugidos (*Os colegas*), ora mostrados em traços mais realistas (*A casa da madrinha*). Aponta a discriminação racial e social em suas diversas faces, como nos estranhos pares de namorados de *Angélica*, *Os colegas*, *O sofá estampado*, *A casa da madrinha*. Denuncia o consumismo desenfreado que leva à cultura da descartabilidade, marca da sociedade contemporânea reconhecível sob o traço caricatural com que descreve tia Brunilda, em *A bolsa amarela*, e a avó de Maria, em *Corda bamba* (uma descarta roupas, a outra, maridos). Lygia também mostra o machismo, resquício social arcaico que ainda hoje persiste, retratado tanto em animais, como no jacaré Jota, de *Angélica*, quanto em humanos, como no marido da tia Brunilda, em *A bolsa amarela*. São muitos os exemplos de “assuntos de adultos”, envolvendo personagens e ações nas tramas de Lygia.

Com *Corda bamba* (1979), esses temas periféricos assomam à ribalta, onde passam a contracenar com a morte. Nessa novela, ela se manifesta sob a forma que mais angustia a mente infantil: a morte violenta e inesperada dos pais, testemunhada pela criança, que nada pode fazer para evitá-la. Com esse livro, começa a sucessão de variações em torno do tema das perdas, do abandono e do luto – que também já se anunciara nos livros anteriores, porém com menor ênfase. Sem dúvida, as perdas afetivas, principalmente quando se dão pela morte, também constituem passagens, não para a vida, mas para o luto. Ambas são passagens necessárias e inevitáveis, porém a literatura infantil costumeiramente busca protelar o contato da criança com o sofrimento e a morte. Seguindo contra a corrente, Lygia Bojunga prefere olhar de frente essa questão. *Corda bamba* (1979), *O sofá estampado* (1980), *Tchau* (1984), *O meu amigo pintor*

(1987) e *Nós três* (1987) têm como elo comum a presença da morte, real ou simbólica.

A morte dos pais de Maria, da avó de Vítor, do amigo pintor, do marinheiro Davi são mortes que ocorrem no plano das ações. A morte simbólica, por sua vez, acontece na viagem túnel adentro de Vítor, em *O sofá estampado*, e na sua fascinação pela mulher de mãos frias e sem rosto que encontra nesse espaço inferior; e também na cena de orfandade de Rebeca, quando a mãe parte e a mala fica, no conto "Tchau". A mulher misteriosa, cujo lenço tem o mesmo padrão do sofá estampado de Dalva, e a mala, frágil penhor de um hipotético retorno da mãe, são imagens de luto, que congregam os temas do amor e da morte, com predominância desta. Em "Tchau", porém, ao contrário de *O sofá estampado*, protagonista e leitor não são confortados com a esperança da superação, com a perspectiva de um final feliz. Essa oscilação entre os polos positivo e negativo, tão recorrente na ficção de Lygia Bojunga, manifesta-se claramente na composição do livro *Tchau* (1984), que traz dois contos luminosos e dois cinzentos<sup>2</sup>.

Depois desse único volume de contos, a autora cria uma espécie de intervalo para aliviar a tensão. Esse tempo compreende as obras editadas entre 1988 e 1992, conjunto a que a própria autora denomina "Trilogia do livro": *Livro – um encontro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991) e *Paisagem* (1992). Após esse interlúdio metalinguístico, em que o olhar da autora se volta mais para o processo de criação do que para os registros da memória ou da invenção, em 1995 ela retoma os caminhos já trilhados, os tempos da fantasia, da angústia e da memória<sup>3</sup>, agora bastante mesclados, e publica *Seis vezes Lucas* (1995), *O abraço* (1995) e *Feito à mão* (1996).

Dos três, sem dúvida, *O abraço* é o texto de maior impacto e de maior complexidade. O tema central é o estupro somado à pedofilia, e a narrativa se faz pela voz e pela perspectiva da protagonista. Esta, aliás, aparece cindida em duas *personas*: Cristina e Clarice. Como resultado, instaura-se no romance o clima impreciso e atemorizador

---

<sup>2</sup> *Nomenclatura proposta por Silva no ensaio "O mar na ficção de Lygia" (ver SILVA, 2007, p.137-153).*

<sup>3</sup> *Divisão da obra da autora proposta por Bretas (BRETAS, Maria Luiza. Lygia Bojunga em três tempos: o processo de criação ficcional. Goiânia: Cânone Editorial, 2013).*

do fantástico, alimentado por uma profusão de situações ambíguas e pela recorrência de elementos simbólicos. A narradora duvida do que vê, do que sente e do que lembra, e nessa indefinição, verdadeiro terreno pantanoso, arrasta o leitor, igualmente incapaz de interpretar os fatos narrados. O final, em sua crueldade, é enigmático e prolonga a angústia do leitor para além do ponto final. Sem dúvida, trata-se de uma narrativa altamente estética, um texto verdadeiramente literário, mas a crueza dos acontecimentos, ainda que acolchoada pela linguagem simbólica, choca o leitor, que se pergunta como uma criança ou um adolescente reagirá diante da narração de tais eventos.

A indistinção entre vida e obra, entre memória pessoal e memória autoral, típica dos textos metalinguísticos da autora, é retomada nos livros seguintes. A partir da "trilogia do livro", a autora passeia pelas três veredas temáticas (*A cama*, de 1999, é um exemplo disso) e, com a virada do milênio, inaugura uma nova etapa em sua produção literária. Diversos livros foram publicados seguindo essa nova vertente: *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de inglês* (2006), *Sapato de salto* (2006), *Querida* (2009) e *Intramuros* (2016), todos eles nascidos já dentro da CASA LYGIA BOJUNGA, uma editora criada exclusivamente para abrigar a obra da própria autora e onde todos os seus livros hoje se encontram. Seguindo o padrão editorial europeu, todos os livros apresentam formato, extensão e projeto gráfico que sugerem produções para adultos. Aliás, a autora sempre se esquivou de rotular seus livros como "infantis" ou "juvenis", ainda que os catálogos das editoras assim os enquadrassem.

No "adulhecimento"<sup>4</sup> que caracteriza as novelas lançadas a partir de 2002 vemos que os temas ficam mais contundentes e que a linguagem de Lygia abandona o viés metafórico das obras iniciais. Não há mais cavalos inventados que levam a uma distante casa da madrinha, nem túneis cavados a unha, que desembocam em sombrios cenários habitados por damas misteriosas. Também os relacionamentos afetivos não se escondem mais sob o disfarce de animais, formando estranhos pares amorosos. A animalidade dos humanos é retratada em sua crueza, sem peles, focinhos ou garras de empréstimo. Sem a capa da alegoria, essas novas histórias de Lygia perdem em leveza e lirismo, se comparadas às anteriores.

---

<sup>4</sup> Termo cunhado por Eliana Yunes para descrever essa progressão observada na ficção de Lygia Bojunga.

Seus protagonistas cresceram e deixaram a infância para trás. Algumas vezes, tiveram um crescimento antecipado, de fruta amadurecida à força. É o caso da órfã Sabrina, de *Sapato de salto*. Crianças ou adolescentes, eles se movem no mundo dos adultos, um mundo onde nem sempre se pode vislumbrar uma perspectiva de esperança. Ou são adultos perdidos nas brumas de lembranças e emoções confusas da adolescência, como acontece com o professor no limiar da velhice, em *Aula de inglês*. Se não há fronteiras entre assuntos de criança e de adultos, nesses últimos livros da autora tampouco há fronteiras de idade para seus personagens – lembranças e desejos lá estão, igualmente prendendo-os ao passado ou projetando-os para o futuro.

Os temas nevrálgicos têm sido a marca distintiva da ficção de Lygia Bojunga, que vem desde 1972 revolvendo as chagas sociais e individuais de nosso tempo. A sequência das publicações aponta para um exacerbamento dessas temas, cada vez mais contundentes. Resta ao leitor conjecturar que novas feridas serão expostas e laceradas nas novelas que ainda virão.

# LENDO LYGIA

*Tatiana Kauss\**

Dos vinte e três livros publicados até 2017, a trilogia que se inicia com *Livro – um encontro*, seguida de *Fazendo Ana Paz* e *Paisagem* pode ser considerada um divisor de águas no trabalho de Lygia Bojunga. A publicação datada seguidamente dos três (1988, 1991 e 1992, respectivamente) mostra a necessidade de se falar do processo criativo, visto que antes disso, todos os seus nove livros foram narrativas ficcionais, em sua maioria dedicados às crianças com uso da antropomorfização. Depois da trilogia, toda a obra da autora pode ser caracterizada como ficção para leitores jovens e adultos.

*Livro – um encontro* aborda a complexa relação com o Livro sobre prismas diferentes, começando com: O que que é “Livro”, incluindo neste capítulo um texto chamado “Livro: a troca”; mensagem escrita para o Dia Internacional do Livro Infantil, em 1983, após Lygia ser agraciada com o grande Prêmio mundial Hans Christian Andersen do *International Board on Books for Young People - IBBY*, o maior reconhecimento internacional da área de obras para crianças. O capítulo seguinte: “Livro – eu te lendo” nos conta o caminho da autora/narradora no papel de leitora, relata os autores preferidos no início de sua trajetória como leitora, os quais a autora chama de casos de amor, e alguns títulos de livros lidos e amados. A relação com os autores e livros é tão pessoalizada quanto uma paixão amorosa. O leitor chega a pensar que ela está falando de uma pessoa. De fato, cada livro para Lygia é um ser em estado de vida.

Muitos dos livros mencionados pela autora no capítulo “Livro – eu te lendo” (suas leituras preferidas) se encontram lado a lado expostos ao visitante de sua Fundação Cultural como o grande tesouro que são para seu leitor. Estão dentro de um cofre aberto na parede de uma das casas, comprovando a generosidade

---

\* É estudiosa da obra de Lygia Bojunga, encadernadora e faz parte do grupo Encontros Literários

de Lygia em expor sua leitura particular e afirmando as citações do capítulo mencionado.

No terceiro capítulo “Livro – eu te escrevendo”, a narradora, após ter se apresentado como leitora no primeiro capítulo, se coloca também como escritora, e explica brevemente esse outro lado do texto, a escrita. Como se fosse uma consequência do processo da leitura.

Será em *Fazendo Ana Paz*, através de uma história ficcional, que a autora aprofundará a escrita como tema. Ana Paz, personagem principal, chega de repente já colocando sua história. Ela tinha então oito anos. Depois some, deixando um início de história inacabada, a escritora/narradora empaca. Na cena dois, como está escrito, aparece uma moça de uns 18 anos que conhece e se apaixona por Antonio. Na cena três, nova personagem entra no enredo, dessa vez uma velha, de cabelos brancos, bengala na mão, prestes a completar 80 anos e a fazer uma viagem ao Sul do país. Essa terceira cena é escrita um pedacinho a cada dia, assim nos conta a narradora. Isso nos faz pensar no processo sem pressa da autora para fazer suas obras. A cena narra suas reflexões sobre a história que não se apresenta, sobre as possibilidades entre personagens, até descobrir que as três personagens são Ana Paz em diferentes idades. A narradora entende então a história que vai contar. E o leitor se veste ora de Ana Paz menina, ora de Ana Paz velha. As cenas são feitas em um processo de introspecção, de diálogo, mesmo que silencioso, com o leitor.

As personagens passeiam pela escrita, Ana Paz criança pede, em sonho relatado, para a autora escrever seu pai. A escritora/narradora empaca por mais tempo, escreve até outro livro inteiro! O livro de Ana Paz fica parado, sem conclusão por um tempo. Ao final, a personagem pede para ir viver num livro. Livre! Mesmo com as lacunas de sua história não preenchidas, mesmo não estando assim toda resolvida. O livro ia se chamar Eu me chamo Ana Paz e a pedidos da personagem não é inteirinho rasgado e sim publicado com o nome *Fazendo Ana Paz*. Nada mais perfeito

para contar o processo de escrita do que a própria narrativa em andamento, no gerúndio do verbo, se escrevendo... Como um diálogo autora-personagem, que no fundo, é um diálogo da autora consigo mesma e com o leitor.

Em "Caminhos", subtítulo do "Pra você que me lê" que consta no *Livro – um encontro*, Lygia nos conta sobre a trilogia e sobre o que ela chama de terceira parte da laranja, a criação de *Paisagem*. É nesta obra que a autora dá ênfase ao leitor. A paisagem é parte fundamental de uma história dentro de outra história. Para a Escritora, personagem que narra o livro, a paisagem por ela criada é cenário de seu próximo lançamento ainda em andamento. Para duas outras personagens, o Leitor Lourenço e a Ouvinte Menina do Lado, a paisagem é o elo de sintonia entre elas e a escrita singular da Escritora, personagem esta que bem pode ser interpretada por mim leitora, como sendo a própria Lygia Bojunga!

A metaliteratura aparecerá novamente em seu mais recente lançamento, a obra *Intramuros*. A autora retoma a temática da criação e constrói e desconstrói todo o seu processo de escrita. Como ela mesma diz, a obra nasceu do desejo de fazer "um redondo" do que antes poderia ser visto como um triângulo (a trilogia). Encontramos ainda mais conteúdo para estudos a respeito de sua obra como um todo. Leia Lygia!

# PODE ENTRAR, A CASA É SUA

*Cristiane Granville, Lucília Soares e Miriam Ribeiro\**

Há algum tempo, logo após a criação da Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, Ninfa Parreiras deu vida a uma ação que já tem uma história de mais de oito anos: as visitas guiadas. Aos poucos, fomos nos juntando à equipe que recebe grupos de leitores, alunos, professores e estudiosos da obra de Lygia. Antes, de uma forma bem intimista, era a própria autora-dona da casa que recebia os poucos visitantes.

É sempre um privilégio e uma surpresa passear pelos labirintos das três casas que compõem o complexo artístico-arquitetônico-literário da Fundação Lygia Bojunga apresentando sua obra e dando a conhecer um pouco de sua vida e dos projetos desenvolvidos. Cada detalhe dos espaços tem o toque pessoal de Lygia: o arranjo dos móveis, a organização dos objetos, o cuidado com as plantas. Andar pelos espaços com os visitantes, com a tarefa de despertá-los para a percepção dessas minúcias, faz parte do roteiro.

Para além do falado e vivenciado, os leitores de Lygia, ao caminhar pelas casas, a reconhecem em suas obras. O gosto pelos móveis antigos, por aquilo que é feito à mão, pelas paisagens. Há quem veja a escrivantina de *Retratos de Carolina*, ou encontre com o ferro à vapor de Maria da Anunciação e a enxergue contando as histórias da Cidade Maravilhosa à pequena menina em Pelotas. O cuidado com a arrumação de cada espaço é tão apurado quanto a construção de seus textos literários. Para a escritora, a casa também é livro e o livro é casa dela. Casa e livro, arquitetura e literatura, natureza e tato são suas paixões.

---

*\*São estudiosas da obra de Lygia Bojunga, fazem parte do grupo Encontros literários e da equipe que recebe as visitas a Um novo nicho pra Santa, espaço em Santa Teresa aberto às visitas.*

Sua reverência à arte é visível na exposição de telas, gravuras, esculturas, livros e trabalhos de artistas e artesãos admirados pela autora, com destaque para aqueles que fazem parte da sua história. Os que viveram ou vivem no bairro de Santa Teresa, lugar que ela escolheu para ter sua morada há algumas décadas no Rio de Janeiro, têm um lugar muito especial. O teatro, outra grande paixão de Lygia, lugar em que iniciou sua carreira, também tem espaço reservado na Casa. É lá que encerramos nossas visitas, e também onde são realizados alguns momentos de saraus, conversas sobre a vida e obra, formações de professores e alguns raros encontros com a anfitriã.

Lygia Bojunga mostra-se reservada em sua vida pública. Mas é casa de portas abertas, escancarada na acolhida de quem visita a Fundação e de quem se entrega ao *Pra você que me lê*, seção em que conversa com seus escritores em 15 de seus 23 livros. Quem acompanha sua produção conhece sua vida e, se encontrasse com ela em uma praia ou campo por aí, com certeza teria muito a conversar como quem fosse íntimo.

Emoções não faltam nos relatos de quem vai a Santa Teresa. Muitos ficam guardados em nossas lembranças. Era um sábado, a Casa estava participando do evento Arte de Portas Abertas. Um dos grupos que foi realizar a visita guiada chegou de táxi. Ao sermos indagadas se Seu Neném, o motorista, podia aguardar dentro da casa, prontamente o convidamos para acompanhar a atividade. Lygia Bojunga é para todos, mesmo para os despreziosos, que por acaso, trabalho ou companhia, chegam lá. Para o encerramento daquele dia, o trecho de livro selecionado era uma passagem de *O Rio e Eu*, já que comemorávamos 450 anos da Cidade Maravilhosa. Deleite, curiosidade, encanto e gratidão findaram o momento. O grupo não conhecia a obra da escritora e, como de costume, saiu de lá com livros em punho, desejo em mente, emoção no coração.

Dias depois, uma das integrantes do grupo, já conhecida

por incentivar muitas pessoas a conhecerem o espaço e a obra da autora, entrou em contato. Queria relatar que Seu Neném havia a procurado. Ele a atende costumeiramente. Dessa vez, não era ela que solicitava uma viagem, mas ele que oferecia. Uma viagem que só a literatura pode proporcionar. O motorista de táxi, que pensava ser somente o guia do caminho para Santa Teresa, naquele dia tinha se visto em outro lugar. Sentia-se importante e valorizado por estar frente à casa e obra de uma grande escritora. Mas principalmente tinha sido tocado por *O Rio e Eu*. Fora transportado para a cozinha da casa da avó onde foi criado, a enxergou passando o ferro em brasa, sentiu o cheiro da fumaça tantas vezes inalado na infância e descrito nas palavras de Lygia. Não havia experimentado ainda essa força que a literatura tem. Não sabia que um livro podia causar tanta emoção, tocar tão fundo.

Há quem diga – nós temos certeza disso – que não é qualquer livro que pode trazer emoções tão avassaladoras: Lygia Bojunga tem esse poder.

*"Eu não tive a sorte de conhecer o trabalho da Lygia ainda criança" – conta Juliana Borel, leitora de Lygia e estudiosa de sua obra. "Quando Sapato de Salto caiu em minhas mãos, o primeiro de seus livros que li, já contava 28 anos. O bom da Literatura é que ela abraça sentimentos mais do que idade. Foi exatamente o que a obra de Lygia fez comigo. Abraço, aliás, foi justamente o que eu senti, quando entrei em sua casa pela primeira vez."*

Cada encontro na Casa tem sua particularidade, peculiaridade, riqueza. Comum é o encantamento das pessoas. Quando chegam, o impacto. E no roteiro, a magia de encontrar com Lygia em cada móvel, em cada objeto, cada cantinho organizado e aberto pros leitores de uma forma muito generosa, dividindo vida, processo de escrita, obra. Nunca saímos as mesmas de cada uma dessas visitas. A troca de impressões nos faz diferentes e as surpresas que Lygia nos apresenta com suas constantes mudanças no arranjo das coisas, também nos contam sempre algo a mais. Desvendar o universo de Lygia é entrar em contato com sua vivacidade, sua curiosidade genuína e seu talento para criar obras literárias para leitores de todas as idades. Ninguém passa imune às palavras de Lygia Bojunga!



---

**ENTREVISTA**

---

## **ENTREVISTA COM O GRUPO DE PESQUISA “LETRA FALANTE” (2009)\***

A LETRA FALANTE se encontrou de diferentes maneiras com a autora Lygia Bojunga: em feiras de livros, na Boa Liga, na Estação das Letras, nos 22 livros da autora... Em cada encontro, uma nova palavra, uma emoção brotava com a leitura. Trazemos aqui algumas questões que fizemos à Lygia para ampliar a nossa pesquisa sobre a obra dela.

**Sua vida literária, digamos assim, começou ligada ao teatro: além de atriz, você escrevia textos para serem representados, especialmente na televisão. Para você, o que é mais forte nesta relação entre Teatro e Literatura?**

Talvez o elemento mais forte tenha sido o fato de ter sido seduzida pelos dois ao mesmo tempo, quando tinha, apenas, sete anos. Foi só me apaixonar pelos personagens criados por Lobato, que me senti atraída a inventar também alguns personagens, que fui logo tratando de botar no papel; e foi só virar a invenção em escrita, que logo me senti levada a “convocar” pequenas audiências familiares pra representar pra eles a minha turma inventada – mesmo não sabendo o que que era Teatro, da mesma maneira que não sabia o que que era Literatura. Quando, adolescente, soube, a sedução por um e por outra aumentou. E, quando, mais tarde, compreendi por inteiro que mesmo amando um, eu não podia viver sem a outra, fiz com que o “um” passasse a fazer parte da “outra”, o que – me parece – resultou numa Literatura um tanto... teatral.

**Desde que seus livros se mudaram para a Casa Lygia Bojunga, todos assumiram uma unidade visual, ainda que diferenciada nas capas. Por que você fez essa opção e qual é o critério para a escolha das capas?**

---

*\*A Letra Falante é um grupo de pesquisa sobre a obra de Lygia Bojunga coordenado por Ninfa Parreiras*

Os critérios se confundem. Quando digo, como já disse várias vezes, que, antes de mais nada, o que me levou a criar a Casa editora foi a vontade de aprofundar a minha relação com o livro, quer dizer, fazer um pouco de tudo que é necessário para a feitura do objeto livro, me aventurei também em capas, ora inventando o visual eu mesma, ora usando imagens que, de uma maneira ou de outra, tinham mexido comigo, ora sendo fiel a ilustradores que, no passado, já tinham criado o visual de alguns personagens ou de algumas atmosferas de meus livros. Mas, desde o momento em que pensei criar minha editora, quis que meus livros se vestissem com feitiço de uma grande família. Ou melhor: de coleção.

**Ao visitarmos as livrarias, ficamos com a impressão de que as imagens são mais valorizadas do que as palavras nas obras literárias. O que você acha disso?**

Se a pergunta se refere apenas à chamada "literatura infantojuvenil", creio que a valorização das imagens tende a ir num crescendo. Mas, se estamos falando em "literatura tout court", isto é, uma literatura que possa se tornar amiga íntima tanto do jovem quanto do adulto, sou de opinião que imagens, quando usadas, devem ocupar um espaço bastante discreto.

**Você já conquistou muita coisa na literatura: prêmios, traduções de seus livros, consagração da crítica literária... Será que existe algo que ela nunca lhe dará?**

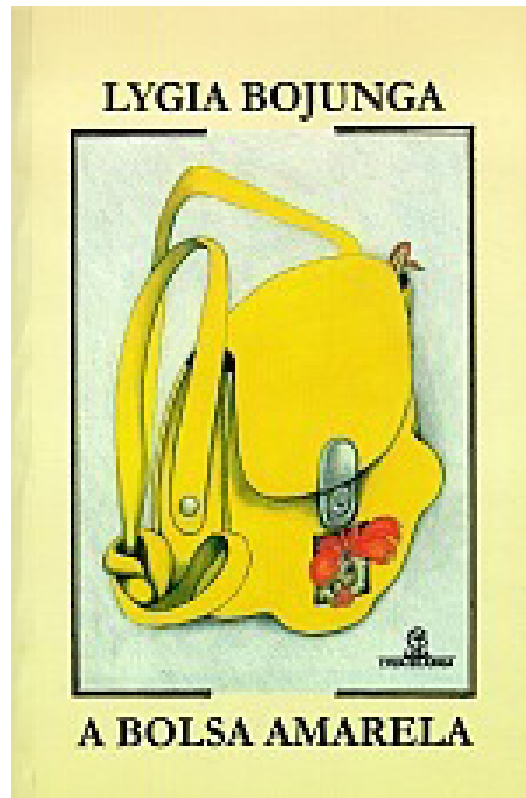
Sabia que, mesmo formulada de maneira diferente, é justo esta pergunta que eu estou sempre me fazendo? Quer dizer: será que algum dia vai existir um livro meu que eu considere realmente bom?



---

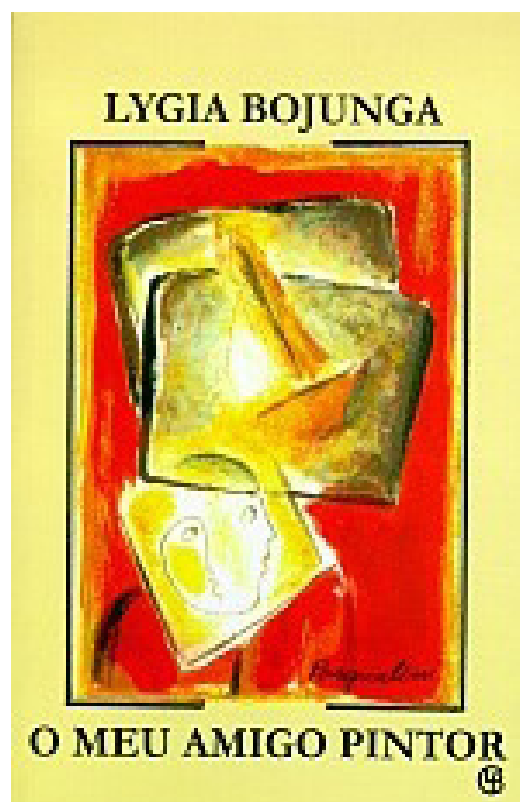
**TRECHOS DA OBRA**

---



***Do livro "A bolsa amarela" (1976), p.09***

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não agüento mais o meu. Vontade assim todo o mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras – as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida – ah – essas eu não quero mais mostrar.



***Do livro "O meu amigo pintor" (1987), p.10***

(...) Minha irmã me perguntava "será que o teu amigo nunca vai se esquecer de dar corda no relógio não?".

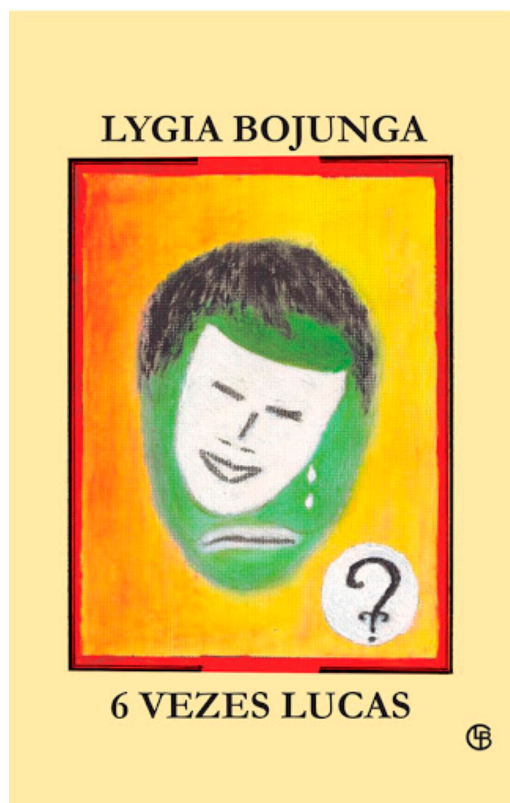
Mas cada um é de um jeito, não é? E eu gostava demais de ouvir o relógio batendo. De noite ainda mais.

Não era só porque ele batia bonito.

Nem era só porque eu acho legal viver ouvindo que horas são.

Era porque, cada vez que ele batia, eu pensava: o meu amigo tá lá.

Pra mim, ouvir o relógio batendo era que nem ouvir o meu amigo andando. Ou falando. Ou rindo. Será que dá pra entender o que eu quero dizer?



***Do livro "Seis vezes Lucas" (1995), p.14***

O espelho estava tão embaciado que o Lucas não se via mais; ah! mas ele também ia lutar pelo que ele queria, ele também... ele também... não deu pra resolver mais nada: a Coisa tinha começado a doer.

Agora era assim: volta e meia a Coisa doía. Doía na garganta, no pescoço, no dente, e se o Pai dizia, mas afinal! que dor é essa? o Lucas só respondia, não sei, é uma coisa; e se a mãe falava, explica melhor essa coisa, meu filho, ele não explicava, só sabia que ela doía.



## **LIVRO - A TROCA**

*(Mensagem de Lygia Bojunga para o Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil de 1984, traduzida e divulgada em 64 países membros do IBBY - International Board on Books for Young People).*

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena, os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que no meu jeito de ver as coisas é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

Mas, como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismei um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra em algum lugar uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.

